

## Preposição

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

### Sobre o mar e o navio

Na guerra naval, existem ainda algumas peculiaridades que merecem ser abordadas.

Uma delas diz respeito ao cenário das batalhas: o mar. Diferente, em linhas gerais, dos teatros de operações terrestres, o mar não tem limites, não tem fronteiras definidas, a não ser nas proximidades dos litorais, nos estreitos, nas baías e enseadas.

Em uma batalha em mar aberto, certamente, poderão ser empregadas manobras táticas diversas dos engajamentos efetuados em área marítima restrita. Nelas, as forças navais podem se valer das características geográficas locais, como fez o comandante naval grego Temístocles, em 480 a.C. ao atrair as forças persas para a baía de Salamina, onde pôde proteger os flancos de sua formatura, evitando o envolvimento pela força naval numericamente superior dos invasores persas.

As condições meteorológicas são outros fatores que também afetam, muitas vezes de forma drástica, as operações nos teatros marítimos. O mar grosso, os vendavais, ou mesmo as longas calmarias, especialmente na era da vela, são responsáveis por grandes transtornos ao governo dos navios, dificultando fainas e manobras e, não poucas vezes, interferindo nos resultados das ações navais ou mesmo impedindo o engajamento. É oportuno lembrar que o vento e a força do mar destruíram as esquadras persa (490 a.C.), mongol (1281) e a incrível Armada Espanhola (1588), salvando respectivamente a Grécia, o Japão (que denominou de *kamikaze* o vento divino salvador) e a Inglaterra daqueles invasores vindos do mar.

O cenário marítimo também é o responsável pela *causa mortis* da maioria dos tripulantes dos navios afundados nas batalhas navais, cujas baixas por afogamento são certamente mais numerosas do que as causadas pelos ferimentos dos impactos dos projéteis, dos estilhaços e dos abalroamentos. Em maio de 1941, o cruzador de batalha britânico HMS Hood, atingido pelo fogo da artilharia do Bismarck, afundou, em poucos minutos, levando para o fundo cerca de 1.400 tripulantes, dos quais apenas três sobreviveram.

Aliás, o instante do afundamento de um navio é um momento crucial para a sobrevivência daqueles tripulantes que conseguem saltar ou são jogados ao mar, pois o efeito da sucção pode arrastar para o fundo os tripulantes que estiverem nas proximidades do navio no momento da submersão. Por sua vez, os naufragos podem permanecer dias, semanas, em suas balsas à deriva, em um mar batido pela ação dos ventos, continuamente borrifadas pelas águas salgadas, sofrendo o calor tropical escaldante ou o frio intenso das altas latitudes, como nos mares Ártico, do Norte ou Báltico, cujas baixas temperaturas dos tempos inverniais limitam

cabalmente o tempo de permanência n'água dos naufragos, tornando fundamental para a sua sobrevivência a rapidez do socorro prestado.

O navio também é um engenho de guerra singular. Ao mesmo tempo morada e local de trabalho do marinheiro, graças à sua mobilidade, tem a capacidade de conduzir homens e armas até o cenário da guerra. Plataforma bélica plena e integral, engaja batalhas, sofre derrotas, naufraga ou conquista vitórias, tornando-se quase sempre objeto inesquecível da história de sua marinha e país.

(CESAR, William Carmo. Sobre o mar e o navio. In: \_\_\_\_\_. *Uma história das Guerras Navais: o desenvolvimento tecnológico das belonaves e o emprego do Poder Naval ao longo dos tempos*. Rio de Janeiro: FEMAR, 2013. p. 396-398)

1. (Esc. Naval) Considerando a regência, assinale a opção em que a troca da preposição NÃO altera a relação de sentido estabelecida entre os termos.

- a) “[...] capacidade de conduzir homens e armas [...]” (7º parágrafo) – capacidade para conduzir homens e armas.
- b) “[...] momento crucial para a sobrevivência [...]” (6º parágrafo) – momento crucial da sobrevivência.
- c) “[...] envolvimento pela força naval [...]” (3º parágrafo) – envolvimento da força naval.
- d) “[...] respeito ao cenário das batalhas [...]” (2º parágrafo) – respeito perante o cenário das batalhas.
- e) “[...] podem se valer das características [...]” (3º parágrafo) – podem se valer com as características.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder às questões.

<sup>27</sup>Aumenta o número de adultos que não consegue focar sua atenção em uma única coisa por muito tempo. <sup>37</sup>São tantos os estímulos e tanta a pressão para que o entorno seja completamente desvendado que aprendemos a ver e/ou fazer várias coisas ao mesmo tempo. <sup>34</sup>Nós nos tornamos, à semelhança dos computadores, pessoas multitarefa, não é verdade?

<sup>41</sup>Vamos tomar como exemplo uma pessoa dirigindo. <sup>4</sup>Ela precisa estar atenta aos veículos que vêm atrás, ao lado e à frente, à velocidade média dos carros por onde trafega, às orientações do GPS ou de programas que sinalizam o trânsito em tempo real, <sup>6</sup>às informações de <sup>29</sup>alguma emissora de rádio que comenta o trânsito, ao planejamento mental feito e refeito <sup>9</sup>várias vezes do trajeto <sup>20</sup>que deve fazer para chegar ao seu destino, aos semáforos, faixas de pedestres etc.

<sup>35</sup>Quando me vejo em tal situação, <sup>19</sup>eu me lembro que <sup>14</sup>dirigir, <sup>45</sup>após um dia de intenso trabalho no retorno para casa, já foi uma atividade prazerosa e desestressante.

<sup>18</sup>O uso da internet ajudou a transformar nossa maneira de olhar para o mundo. Não <sup>23</sup>mais observamos os detalhes, <sup>1</sup>por causa de nossa ganância em relação a novas e diferentes informações. Quantas vezes sentei em

frente ao computador<sup>44</sup> para buscar textos sobre um tema<sup>38</sup> e, de repente, <sup>24</sup>me dei conta de que estava em <sup>39</sup>temas<sup>15</sup> que em nada se relacionavam com meu tema primeiro.

Aliás, a leitura também sofreu transformações pelo nosso costume de ler na internet. <sup>16</sup>Sofremos de uma tentação permanente de <sup>43</sup>pular palavras e frases inteiras, apenas para irmos direto ao ponto. O problema é que <sup>22</sup>alguns textos exigem a leitura atenta de palavra por palavra, de frase por frase, para que faça sentido. <sup>5</sup>Aliás, não é a combinação e a sucessão das palavras que dá sentido e beleza a um texto?

<sup>3</sup>Se está difícil para nós, adultos, focar nossa atenção, imagine, caro leitor, para as crianças. <sup>2</sup>Elas já nasceram neste mundo de <sup>8</sup>profusão de estímulos de todos os tipos; elas são exigidas, desde o início da vida, a dar conta de várias coisas ao mesmo tempo; elas são estimuladas com diferentes objetos, sons, imagens etc.

<sup>46</sup>Aí, um belo dia elas vão para a escola. Professores e pais, a partir de então, querem que as crianças prestem atenção em uma única coisa por muito tempo. <sup>36</sup>E quando elas não conseguem, reclamamos, levamos ao médico, arriscamos hipóteses de que sejam portadoras de síndromes que exigem tratamento etc.

<sup>42</sup>A maioria dessas crianças sabe focar sua atenção, sim. Elas já sabem usar programas complexos em seus aparelhos eletrônicos, <sup>10</sup>brincam com jogos desafiantes que exigem atenção constante aos detalhes e, se deixarmos, <sup>21</sup>passam horas em uma única atividade de que gostam.

<sup>17</sup>Mas, nos estudos, queremos que elas prestem <sup>26</sup>atenção no que é preciso, e não no que gostam. <sup>28</sup>E isso, caro leitor, exige a árdua aprendizagem da autodisciplina. Que leva tempo, é bom lembrar.

<sup>32</sup>As crianças precisam de nós, pais e professores, para começar a aprender isso. Aliás, <sup>31</sup>boa parte desse trabalho é nosso, e não delas.

<sup>12</sup>Não basta mandarmos que elas prestem atenção: <sup>33</sup>isso de nada as ajuda. <sup>13</sup>O que pode ajudar, por exemplo, é <sup>40</sup>analisarmos o contexto em que estão <sup>7</sup>quando precisam focar a atenção <sup>25</sup>e organizá-lo para que seja favorável a tal exigência. <sup>11</sup>E é preciso lembrar que não se pode esperar toda a atenção delas por muito tempo: <sup>30</sup>o ensino desse quesito no mundo de hoje é um processo lento e gradual.

SAYÃO, Rosely. “Profusão de estímulos”. *Folha de São Paulo*, 11 fev. 2014 – adaptado.

2. (G1 - col. naval) Assinale a opção que indica corretamente o valor semântico da preposição em destaque.

- a) “[...] pular palavras e frases inteiras, apenas para irmos direto ao ponto [...]” (ref. 43) – lugar.
- b) “[...] para buscar textos sobre um tema [...]” (ref. 44) – posição superior.
- c) “[...] após um dia de intenso trabalho no retorno para casa [...]” (ref. 45) – modo.
- d) “Aí, um belo dia elas vão para a escola.” (ref. 46) – origem.

e) “Elas já nasceram neste mundo de profusão de estímulos” (ref. 2) – delimitação.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
O som da época

Luís Fernando Veríssimo

<sup>21</sup>Desconfio de que ainda nos lembraremos <sup>2</sup>destes anos como <sup>5</sup>a época em que vivemos com o acompanhamento dos alarmes de carro. Os alarmes de carro são a trilha sonora do nosso tempo<sup>8</sup>: o som da paranoia justificada.

O alarme é o grito da nossa propriedade de que alguém está querendo tirá-la de nós. É o som <sup>15</sup>mais desesperado que um ser humano pode produzir – a palavra “socorro!” –, mecanizado, padronizado e a todo volume. É <sup>10</sup>“socorro!” acrescentado ao vocabulário das coisas, como a buzina, a campainha, a música de elevador, o <sup>11</sup>“ping” que <sup>22</sup>avisa que o assado está pronto e todos os “pings” do computador. Também é um som típico porque tenta compensar a carência mais típica <sup>3</sup>da época<sup>9</sup>, a de segurança. <sup>7</sup>Os carros pedem socorro porque a sua defesa natural <sup>12</sup>– polícia por perto, boas fechaduras ou respeito de todo o mundo pelo que é dos outros – não funciona <sup>16</sup>mais. <sup>17</sup>Só <sup>6</sup>lhes resta gritar.

Também é o som da época porque é o som da intimidação. Sua função principal é espantar e substituir todas as outras formas de dissuasão pelo simples terror do barulho. O som da época em que <sup>1</sup>os decibéis substituíram a razão.

Como os ouvidos são<sup>13</sup>, de todos os canais dos sentidos, os mais difíceis de proteger, foram os escolhidos pela insensibilidade moderna para atacar nosso cérebro e apressar nossa imbecilização. Pois são tempos literalmente do barulho.

O alarme contra roubo de carro também é próprio da época porque, <sup>18</sup>frequentemente, não funciona. <sup>14</sup>Ou funciona quando não deve. <sup>23</sup>Ouvem-se tantos alarmes a qualquer hora do dia ou da noite porque, <sup>19</sup>talvez influenciados pela paranoia generalizada, eles disparam sozinhos. <sup>24</sup>Basta alguém se aproximar do carro com uma cara suspeita e eles começam a berrar.

<sup>20</sup>Decididamente, o som <sup>4</sup>do nosso tempo.

VERISSIMO, Luís Fernando. O som da época. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 29 set. 2011.

3. (Unisinos) Leia as seguintes afirmações sobre o emprego de pronomes e expressões referenciais no texto.

- I. A expressão “(d)estes anos” (ref. 2), que se refere ao tempo presente, é retomada, no texto, por “(d)a época” (ref. 3) e “(d)o nosso tempo” (ref. 4).
- II. Na primeira linha, a expressão “em que” (preposição + pronome relativo) retoma “a época” (ref. 5) e poderia ser substituída pelo pronome relativo “onde” ou pela expressão “na qual” (“em” + “a qual”).
- III. O pronome oblíquo “lhes” (ref. 6) retoma, no texto, a expressão “os carros” (ref. 7).

Sobre as proposições acima, pode-se afirmar que

- a) apenas I está correta.
- b) apenas II está correta.
- c) apenas III está correta.
- d) apenas I e III estão corretas.
- e) apenas II e III estão corretas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Quando a rede vira um vício

Com o título "Preciso de ajuda", fez-se um desabafo aos integrantes da comunidade Viciados em Internet Anônimos: "Estou muito dependente da web, Não consigo mais viver normalmente. Isso é muito sério". Logo obteve resposta de um colega de rede. "Estou na mesma situação. Hoje, praticamente vivo em frente ao computador. Preciso de ajuda." O diálogo dá a dimensão do tormento provocado pela dependência em Internet, um mal que começa a ganhar relevo estatístico, à medida que o uso da própria rede se dissemina. Segundo pesquisas recém-conduzidas pelo Centro de Recuperação para Dependência de Internet, nos Estados Unidos, a parcela de viciados representa, nos vários países estudados, de 5% (como no Brasil) a 10% dos que usam a web — com concentração na faixa dos 15 aos 29 anos. Os estragos são enormes. Como ocorre com um viciado em álcool ou em drogas, o doente desenvolve uma tolerância que, nesse caso, o faz ficar on-line por uma eternidade sem se dar conta do exagero. Ele também sofre de constantes crises de abstinência quando está desconectado, e seu desempenho nas tarefas de natureza intelectual despenca. Diante da tela do computador, vive, aí sim, momentos de rara euforia. Conclui uma psicóloga americana: "O viciado em internet vai, aos poucos, perdendo os elos com o mundo real até desembocar num universo paralelo — e completamente virtual".

Não é fácil detectar o momento em que alguém deixa de fazer uso saudável e produtivo da rede para estabelecer com ela uma relação doentia, como a que se revela nas histórias relatadas ao longo desta reportagem. Em todos os casos, a internet era apenas "útil" ou "divertida" e foi ganhando um espaço central, a ponto de a vida longe da rede ser descrita agora como sem sentido. Mudança tão drástica se deu sem que os pais atentassem para a gravidade do que ocorria. "Como a internet faz parte do dia a dia dos adolescentes e o isolamento é um comportamento típico dessa fase da vida, a família raramente detecta o problema antes de ele ter fugido ao controle", diz um psiquiatra. A ciência, por sua vez, já tem bem mapeados os primeiros sintomas da doença. De saída, o tempo na internet aumenta — até culminar, pasme-se, numa rotina de catorze horas diárias, de acordo com o estudo americano. As situações vividas na rede passam, então, a habitar mais e mais as conversas. É típico o aparecimento de olheiras profundas e ainda um ganho de peso relevante, resultado da frequente troca de refeições por sanduíches — que prescindem de talheres e liberam uma das mãos para o teclado. Gradativamente, a vida social vai se extinguindo. Alerta outra psicóloga:

"Se a pessoa começa a ter mais amigos na rede do que fora dela, é um sinal claro de que as coisas não vão bem".

Os jovens são, de longe, os mais propensos a extrapolar o uso da internet. Há uma razão estatística para isso — eles respondem por até 90% dos que navegam na rede, a maior fatia —, mas pesa também uma explicação de fundo mais psicológico, à qual uma recente pesquisa lança luz. Algo como 10% dos entrevistados (viciados ou não) chegam a atribuir à internet uma maneira de "aliviar os sentimentos negativos", tão típicos de uma etapa em que afloram tantas angústias e conflitos. Na rede, os adolescentes sentem-se ainda mais à vontade para expor suas ideias. Diz um outro psiquiatra: "Num momento em que a própria personalidade está por se definir, a internet proporciona um ambiente favorável para que eles se expressem livremente". No perfil daquela minoria que, mais tarde, resvala no vício se vê, em geral, uma combinação de baixa autoestima com intolerância à frustração. Cerca de 50% deles, inclusive, sofrem de depressão, fobia social ou algum transtorno de ansiedade. É nesse cenário que os múltiplos usos da rede ganham um valor distorcido. Entre os que já têm o vício, a maior adoração é pelas redes de relacionamento e pelos jogos on-line, sobretudo por aqueles em que não existe noção de começo, meio ou fim.

Desde 1996, quando se consolidou o primeiro estudo de relevo sobre o tema, nos Estados Unidos, a dependência em internet é reconhecida — e tratada — como uma doença. Surgiram grupos especializados por toda parte. "Muita gente que procura ajuda ainda resiste à ideia de que essa é uma doença", conta um psicólogo. O prognóstico é bom: em dezoito semanas de sessões individuais e em grupo, 80% voltam a níveis aceitáveis de uso da internet. Não seria factível, tampouco desejável, que se mantivessem totalmente distantes dela, como se espera, por exemplo, de um alcoólatra em relação à bebida. Com a rede, afinal, descortina-se uma nova dimensão de acesso às informações, à produção de conhecimento e ao próprio lazer, dos quais, em sociedades modernas, não faz sentido se privar. Toda a questão gira em torno da dose ideal, sobre a qual já existe um consenso acerca do razoável: até duas horas diárias, no caso de crianças e adolescentes. Quanto antes a ideia do limite for sedimentada, melhor. Na avaliação de uma das psicólogas, "Os pais não devem temer o computador, mas, sim, orientar os filhos sobre como usá-lo de forma útil e saudável". Desse modo, reduz-se drasticamente a possibilidade de que, no futuro, eles enfrentem o drama vivido hoje pelos jovens viciados.

Silvia Rogar e João Figueiredo, *Veja*, 24 de março de 2010. Adaptado.

4. (G1 - col. naval) Assinale a opção em que **não** há correspondência entre a preposição e o sentido expresso.

- a) "Desde 1996, [...], a dependência em internet é reconhecida -e tratada - como uma doença." (4º parágrafo) - tempo
- b) "Toda a questão gira em torno da dose ideal, sobre a

- qual já existe um consenso [...]" (4º parágrafo) - assunto
- c) "Na rede os adolescentes sentem-se mais à vontade para expor suas ideias", pois a internet proporciona um ambiente favorável para que eles se expressem livremente. (3º parágrafo) - direção
- d) "[...] o doente desenvolve uma tolerância que, nesse caso, o faz ficar on-line por uma eternidade sem se dar conta do exagero." (1º parágrafo) - ausência
- e) "Diante da tela do computador, vive, aí sim, momentos de rara euforia." (1º parágrafo) - em frente de

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

[...] As primeiras vezes as aulas foram difíceis. Eles pouco entendiam e eu ficava irritada: – Vocês têm mesmo certeza de que nasceram no Brasil? – Ia, ia Wol. Isso me enfurecia. Parecia mesmo <sup>5</sup>que o meu alemão melhorava, <sup>2</sup>enquanto <sup>3</sup>o português deles ia para trás. Senti isso numa tarde em <sup>6</sup>que olhava o rio Itajaí-Açu, numa cheia. <sup>7</sup>Era impetuoso, arrastava <sup>4</sup>tudo, os troncos, as tábuas, os toros de madeira. Precisava de muita fibra, para conter essa <sup>1</sup>força de um contingente linguístico, com tão pouca gente falando a língua da pátria. Por isso <sup>8</sup>lutava ainda. Eu representava aqui uma célula, um átomo que teria de se desenvolver a qualquer custo, para, num milagre, realizar o quase impossível.

LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 4. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. p. 35.

5. (Ufsc) Ainda considerando o texto, assinale a(s) proposição(ões) correta(s).
- 01) A conjunção *enquanto* (ref.1) expressa, simultaneamente, as noções de ao mesmo tempo em que e ao passo que.
- 02) Em "o português deles" (ref.3), a palavra *deles* é uma contração da preposição *de* com o pronome pessoal *eles*, sendo empregada como pronome possessivo correspondente à terceira pessoa do discurso.
- 04) A vírgula colocada após a palavra *tudo* (ref.4) pode ser adequadamente substituída por dois pontos, anunciando uma enumeração.
- 08) A preposição *para* indica direção nas duas ocorrências sublinhadas no texto.
- 16) Nas referências 5 e 6, o vocábulo *que* funciona como pronome relativo, pois retoma um termo antecedente e, ao mesmo tempo, liga orações.
- 32) As formas verbais *era* (ref.7) e *lutava* (ref.8) se encontram no mesmo tempo verbal e expressam, respectivamente, estado e ação que se prolongam no tempo.

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO: TEXTO

(...) ANTES DE CONCLUIR ESTE CAPÍTULO, FUI À JANELA INDAGAR DA NOITE POR QUE RAZÃO OS SONHOS HAVIAM DE SER ASSIM TÃO TÊNUES QUE SE ESGARÇAVAM AO MENOR ABRIR DE OLHOS OU VOLTAR DE CORPO, E NÃO CONTINUAVAM MAIS.

A NOITE NÃO ME RESPONDEU LOGO. ESTAVA DELICIOSAMENTE BELA, OS MORROS PALEJAVAM\* DE LUAR E O ESPAÇO MORRIA DE SILÊNCIO. COMO EU INSISTISSE, DECLAROU-ME QUE OS SONHOS JÁ NÃO PERTENCIAM À SUA JURISDIÇÃO. Quando eles moravam na ilha que Luciano\*\* lhes deu, onde ela tinha o seu palácio, e donde os fazia sair com as suas caras de vária feição, dar-me-ia explicações possíveis. Mas os tempos mudaram tudo. Os sonhos antigos foram aposentados, e os modernos moram no cérebro das pessoas. Estes, ainda que quisessem imitar os outros, não poderiam fazê-lo; a ilha dos sonhos, como a dos amores, como todas as ilhas de todos os mares, são agora objeto da ambição e da rivalidade da Europa e dos Estados Unidos.

Era uma alusão às Filipinas. Pois que não amo a política, e ainda menos a política internacional, fechei a janela e vim acabar este capítulo para ir dormir. (Machado de Assis, *Dom Casmurro*. Adaptado)

\* palejar = tornar-se pálido, empalidecer.

\*\* Luciano= escritor grego, criador do diálogo satírico.

6. (Fgv) Com relação às classes de palavras, aponte o valor que:

a) a preposição DE assume no contexto das frases:

I. "... os morros palejavam de luar..."

II. "De manhã, com a fresca..."

b) a conjunção COMO assume no contexto das frases:

III. "Como eu insistisse..."

IV. "... como a dos amores..."